

“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,
que recorremos a Vós.” Amém.

PAULO COELHO



**ONZE
MINUTOS**

**PA
RA
I
S**

Copyright © 2003 by Paulo Coelho
<http://paulocoelhoblog.com>

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Associados Agencia Literaria SLU,
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

REVISÃO Nana Rodrigues e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

Onze minutos / Paulo Coelho. — 1ª ed. — São Paulo :
Paralela, 2017.

ISBN 978-85-8439-074-8

1. Ficção brasileira I. Título.

17-04251

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

facebook.com/editoraparalela

instagram.com/editoraparalela

twitter.com/editoraparalela

No dia 29 de maio de 2002, horas antes de colocar um ponto final neste livro, fui até a Gruta de Lourdes, na França, encher alguns galões com a água milagrosa da fonte que ali se encontra. Já dentro do terreno da catedral, um senhor de aproximadamente setenta anos me disse: “Sabe que você parece com o Paulo Coelho?” Respondi que era o próprio. O homem me abraçou e me apresentou sua esposa e sua neta. Falou da importância de meus livros em sua vida, concluindo: “Eles me fazem sonhar”.

Já escutei esta frase várias vezes, e ela sempre me deixa contente. Naquele momento, entretanto, fiquei muito assustado — porque sabia que *Onze minutos* falava de um assunto delicado, contundente, chocante. Caminhei até a fonte, enchi os galões, voltei, perguntei onde morava o homem (no norte da França, perto da Bélgica) e anotei o seu nome.

Este livro é dedicado a você, Maurice Gravelines. Tenho uma obrigação para com você, sua mulher, sua neta e também para comigo: falar daquilo que me preocupa, e não do que todos gostariam de escutar. Alguns livros nos fazem sonhar, outros nos trazem a realidade, mas nenhum pode fugir daquilo que é mais importante para um autor: a honestidade no que escreve.

Apareceu certa mulher, conhecida na cidade como pecadora. Ela, sabendo que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, levou um frasco de alabastro com perfume. A mulher se colocou por trás, chorando aos pés de Jesus; com as lágrimas começou a banhar-lhe os pés. Em seguida, os enxugava com os cabelos, cobria-os de beijos e os ungiu com perfume. Vendo isso, o fariseu que havia convidado Jesus ficou pensando: “Se esse homem fosse mesmo um profeta, saberia que tipo de mulher está tocando nele, porque ela é pecadora”.

Jesus disse então ao fariseu: “Simão, tenho uma coisa para dizer a você”.

Simão respondeu: “Fale, mestre”.

“Certo credor tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentas moedas de prata, e outro lhe devia cinquenta. Como não tivessem com que pagar, o homem perdoou os dois. Qual deles o amará mais?”

Simão respondeu: “Acho que é aquele a quem ele perdoou mais”.

Jesus lhe disse: “Você julgou certo”.

Então Jesus voltou-se para a mulher e disse a Simão: “Está vendo esta mulher? Quando entrei em sua casa, você não me ofereceu água para lavar-me os pés; ela, porém, banhou meus pés com lágrimas e os enxugou com os cabelos. Você não me deu o beijo de saudação, ela, porém, desde que entrei, não parou de beijar meus pés. Você não derramou óleo na minha cabeça, ela, porém, ungiu os meus pés com perfume. Por isso eu declaro a você que os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, porque ela amou muito. Aquele que foi perdoado de pouco demonstra que pouco amou”.

*Porque eu sou a primeira e a última
Eu sou a venerada e a desprezada
Eu sou a prostituta e a santa
Eu sou a esposa e a virgem
Eu sou a mãe e a filha
Eu sou os braços de minha mãe
Eu sou a estéril e numerosos são meus filhos
Eu sou a bem casada e a solteira
Eu sou a que dá à luz e a que jamais procriou
Eu sou a consolação das dores do parto
Eu sou a esposa e o esposo
E foi meu homem quem me criou
Eu sou a mãe do meu pai
Sou a irmã de meu marido
E ele é meu filho rejeitado
Respeitem-me sempre
Porque eu sou a escandalosa e a magnífica*

Hino a Ísis, século III ou IV,
descoberto em Nag Hammadi

Antes de começar

Muitos escritores no mundo, desde o início da literatura, vêm discorrendo sobre sexo: do Egito à Grécia, e ao Japão, o tema é uma das principais preocupações humanas. Mas, apesar dos milhões de livros já publicados a respeito, ainda não entendemos nada do assunto, e não creio que *Onze minutos* possa fazer melhor: porque na sexualidade a única conquista viável é acabar com a mentira que povoa nosso imaginário, e isso só é possível quando temos a ousadia de praticar, de errar, mas de dizer a verdade sobre o que sentimos. Nós, homens, não temos coragem de dizer à mulher: ensine-me seu corpo. E a mulher tampouco nos diz: aprenda como sou. Ficamos no primitivo instinto de sobrevivência da espécie, na pseudoliberalidade de poder falar abertamente sobre o tema em uma mesa de restaurante, mas, quando estamos entre quatro paredes, terminamos por nos descobrir como animais assustados, inseguros, frágeis. O que deveria ser um momento mágico se transforma em um ato de culpa, de achar-se sempre alguém das expectativas dos outros. Esquecemos que esta é uma das poucas situações na vida em que a palavra “expectativa” precisa ser banida por completo.

No decorrer de minha existência, vivi o sexo de muitas maneiras diferentes e contraditórias: nasci em uma época conservadora, quando a virgindade era essencial para definir uma mulher de caráter. Assisti ao surgimento da pílula anticoncepcional e do antibiótico, indispensáveis para a revolução sexual que viria a seguir. Vivi intensamente o período hippie, quando fomos para o extremo oposto, com o amor livre sendo praticado em concertos de rock. Terminei voltando para uma época meio conservadora, meio liberal, com uma nova doença contra a qual o antibiótico é inútil, e em que ninguém sabe exatamente para onde vai.

Passamos a viver em um mundo de comportamento-padrão: padrão de beleza, de qualidade, de inteligência, de eficiência. Achamos que existe um modelo para tudo, e que, seguindo esse modelo, estaremos seguros. Assim também estabelecemos um “padrão de sexo”, que na verdade é composto de uma série de mentiras: orgasmo vaginal, virilidade acima de tudo, melhor fingir que deixar o outro decepcionado etc. Como consequência direta, esse tipo de atitude tem deixado milhões de pessoas frustradas, infelizes, culpadas.

Faz parte do mundo do escritor refletir sobre sua própria vida — e um livro sobre a sexualidade passou a ser uma prioridade para mim. No início imaginava partir diretamente para uma relação ideal entre dois seres; tentei diversas abordagens, e não consegui. Até que, ao conhecer a prostituta que serve de fio condutor a meu livro, entendi por que não conseguia desenvolver a história: para se falar de um sexo sublime, é preciso partir do

ponto onde todos nós começamos: o medo de que tudo dê errado.

Onze minutos não se propõe a ser um manual ou um tratado sobre o homem e a mulher diante do mundo ainda desconhecido da relação sexual. É uma análise do meu próprio percurso, sem pretender, em momento algum, julgar aquilo que vivi. Custou muito até que eu aprendesse que o encontro físico de dois corpos é mais que uma simples resposta a certos estímulos carnis ou ao instinto de perpetuação da espécie. Na verdade, ele carrega consigo toda a carga cultural do homem e da humanidade.

O sexo é uma das áreas da vida em que a mentira é aceita como uma coisa normal. Mentimos para dar prazer ao próximo, sem nos darmos conta de que essa mentira pode — e vai — contagiar tudo o mais que é importante. Esquecemos que ali está a manifestação de uma energia espiritual chamada amor.

Esta compreensão é muito difícil de ser colocada em termos práticos, mas precisamos tentar. Então, a primeira coisa é entender que ela é composta de dois extremos, que vão caminhar juntos durante todo o ato: relaxamento e tensão.

Como colocar esses estados opostos em sintonia? Muito simples: não ter medo de errar. À medida que a busca do prazer é feita com entrega, com sinceridade, sentimos que o corpo vai ficando tenso como a corda de um arco, mas a mente vai relaxando, como a flecha que se prepara para ser disparada. O cérebro já não governa o processo, que passa a ser guiado pelo coração. E o coração utiliza os cinco sentidos para mostrar-se

ao outro: tato, olfato, visão, audição, paladar, todos estão envolvidos — como nas experiências de êxtase religioso. É curioso que, na maioria das relações sexuais, as pessoas tentam usar apenas o tato e a visão: agindo assim, empobrecem a plenitude da experiência.

Se um parceiro se entrega por completo, ele quebra o bloqueio do outro, por mais forte que seja este bloqueio. Porque o ato da entrega significa “eu confio em você”. Neste momento, entra em jogo a verdadeira energia sexual, e esta não se concentra apenas nas partes que chamamos de “eróticas”. Ela se espalha pelo corpo inteiro, por cada fio de cabelo, por cada ponto da pele. Cada milímetro está agora emanando uma luz diferente, que é reconhecida pelo outro corpo e se combina com ele.

Quando isso acontece, entramos numa espécie de ritual ancestral, que é uma oportunidade de transformação. Um ritual, seja ele qual for, exige que você esteja pronto para deixar-se conduzir a uma nova percepção do mundo. É essa vontade que faz com que o ritual tenha sentido.

Não é complicado tudo isso? É muito mais complicado fazer sexo como o vemos ser feito hoje, um simples ato mecânico, que provoca tensão durante o transcurso e um vazio no final. É preciso ter consciência de que, quando dois corpos se encontram, eles estão entrando juntos num território desconhecido. Transformar isso numa experiência banal é perder a maravilha da aventura.

Mas nada disso pode ser aprendido em um livro — que na verdade apenas divide a experiência ou a visão do seu autor. Sexo é, sobretudo, ter coragem de viver seus

paradoxos, sua individualidade, sua vontade de entrega. Foi para isso que escrevi *Onze minutos*: para ver se podia dizer a esta altura de minha vida, com cinquenta e cinco anos de idade, se eu tive coragem de aprender tudo o que a vida quis me ensinar a respeito.

PAULO COELHO

Julho de 2003

Era uma vez uma prostituta chamada Maria.

Um momento. “Era uma vez” é a melhor maneira de começar uma história para crianças, enquanto “prostituta” é assunto para adultos. Como posso escrever um livro com esta aparente contradição inicial? Mas, enfim, como a cada instante de nossa vida temos um pé no conto de fadas e outro no abismo, vamos manter este início:

Era uma vez uma prostituta chamada Maria.

Como todas as prostitutas, tinha nascido virgem e inocente, e durante a adolescência sonhara em encontrar o homem de sua vida (rico, bonito, inteligente), casar (vestida de noiva), ter dois filhos (que seriam famosos quando crescessem) e viver em uma linda casa (com vista para o mar). Seu pai trabalhava como vendedor ambulante, sua mãe era costureira, sua cidade no interior do Brasil tinha apenas um cinema, uma boate e uma agência bancária. Por isso Maria não deixava de esperar o dia em que seu príncipe encantado chegaria sem aviso, arrebataria seu coração e partiria com ela para conquistar o mundo.

Enquanto seu herói não aparecia, só lhe restava sonhar. Apaixonou-se pela primeira vez aos onze anos, quando ia a pé de casa até a escola primária local. No primeiro dia de aula, descobriu que não estava sozinha em seu trajeto: junto com ela caminhava um garoto que vivia na vizinhança e frequentava aulas no mesmo horário. Os dois nunca trocaram uma só palavra, mas Maria começou a notar que a parte do dia que mais lhe agradava eram aqueles momentos na estrada cheia de poeira, sede, cansaço, o sol a pino, o menino andando rápido, enquanto ela se exauria no esforço para acompanhar-lhe os passos.

A cena se repetira por vários meses. Maria, que detestava estudar e não tinha outra distração na vida exceto a televisão, começou a torcer para que o dia passasse rápido, aguardando com ansiedade cada ida à escola e, ao contrário de algumas meninas de sua idade, achando aborrecidíssimos os fins de semana. Como as horas demoram muito mais a passar para uma criança do que para um adulto, ela sofria muito, achava os dias longos demais porque lhe davam apenas dez minutos com o amor de sua vida e milhares de horas para ficar pensando nele, imaginando como seria bom se pudessem conversar.

Então aconteceu.

Certa manhã, o garoto veio até ela, pedindo um lápis emprestado. Maria não respondeu, fez um ar de irritação por aquela abordagem inesperada e apressou o passo. Tinha ficado petrificada ao vê-lo caminhar em sua direção; tinha pavor de que soubesse quanto o amava, quanto esperava por ele, como sonhava em pegar sua mão, passar diante do portão da escola e seguir até o fim da estrada,

onde — diziam — se encontravam uma grande cidade, personagens de novela, artistas, carros, cinemas e um sem-fim de coisas boas.

Durante o resto do dia não conseguiu concentrar-se na aula, sofrendo com seu comportamento absurdo, mas ao mesmo tempo sentindo-se aliviada, porque sabia que o menino também a havia notado e o lápis não passara de um pretexto para iniciar uma conversa, pois quando ele se aproximara ela percebera uma caneta em seu bolso. Ficou aguardando a próxima vez, e durante aquela noite — e as noites que se seguiram — ela passou a imaginar as possíveis respostas que lhe daria, até encontrar a maneira certa de começar uma história que não terminasse jamais.

Mas não houve uma próxima vez; embora continuassem a ir juntos para a escola, com Maria às vezes alguns passos à frente segurando um lápis na mão direita, outras andando atrás para poder contemplá-lo com ternura, ele nunca mais lhe dirigiu qualquer palavra, e ela teve que se contentar em amar e sofrer silenciosamente até o final do ano letivo.

Durante as férias intermináveis que se seguiram, acordou certa manhã com as pernas banhadas em sangue, pensou que iria morrer; decidiu deixar uma carta para o menino dizendo que ele havia sido o grande amor da sua vida, e planejou embrenhar-se no sertão para ser devorada por uma daquelas criaturas selvagens que aterrorizavam os camponeses da região: o lobisomem ou a mula sem cabeça. Só assim os seus pais não sofreriam com sua morte, pois os pobres têm sempre esperança, apesar das

tragédias que lhes acontecem. Assim, eles viveriam pensando que ela fora raptada por uma família rica e sem filhos, mas que talvez voltasse um dia, no futuro, cheia de glória e dinheiro — enquanto o atual (e eterno) amor de sua vida se lembraria dela para sempre, sofrendo a cada manhã por não ter voltado a lhe dirigir a palavra.

Não chegou a escrever a carta, porque sua mãe entrou no quarto, viu os lençóis vermelhos, sorriu e disse:

— Agora você é uma moça, minha filha.

Quis saber que relação havia entre o fato de ser moça e o sangue que corria, mas sua mãe não soube explicar direito, apenas afirmou que era normal e que de agora em diante teria que usar uma espécie de travesseiro de boneca entre as pernas, durante quatro ou cinco dias por mês. Perguntou se os homens usavam algum tubo para evitar que o sangue escorresse pelas calças, e soube que isso só acontecia com as mulheres.

Maria reclamou com Deus, mas terminou se acostumando com a menstruação. Entretanto não conseguia acostumar-se com a ausência do menino e não parava de recriminar a si mesma pela atitude estúpida de sair correndo daquilo que mais desejava. Um dia antes de as aulas recomeçarem, ela foi até a única igreja da cidade e jurou à imagem de Santo Antônio que iria tomar a iniciativa de conversar com o garoto.

No dia seguinte, arrumou-se da melhor maneira possível, usando um vestido que a mãe costurara especialmente para a ocasião, e saiu — agradecendo a Deus

por terem finalmente terminado as férias. Mas o menino não apareceu. E assim se passou mais uma angustiante semana, até que soube, por alguns colegas, que ele havia mudado de cidade.

— Foi para longe — disse alguém.

Naquele momento, Maria aprendeu que certas coisas se perdem para sempre. Aprendeu também que existia um lugar chamado “longe”, que o mundo era vasto, sua aldeia era pequena e as pessoas mais interessantes sempre acabavam indo embora. Gostaria também de poder partir, mas ainda era muito jovem; mesmo assim, olhando as ruas empoeiradas da cidadezinha onde morava, decidiu que um dia seguiria os passos do menino. Nas nove sextas-feiras que se seguiram, conforme o costume de sua religião, comungou e pediu à Virgem Maria que algum dia a tirasse dali.

Também sofreu por algum tempo, tentando inutilmente encontrar alguma pista do garoto, mas ninguém sabia para onde seus pais haviam se mudado. Maria então começou a achar o mundo grande demais; o amor, algo muito perigoso; e a Virgem, uma santa que habitava um céu distante e não ligava para o que as crianças pediam.

Três anos se passaram, ela aprendeu geografia e matemática, começou a acompanhar as novelas na tv, leu na escola suas primeiras revistas eróticas e passou a escrever um diário falando da sua vida monótona e da vontade que tinha de conhecer aquilo que lhe ensinavam — oceano, neve, homens de turbante, mulheres elegantes e cobertas de joias. Mas, como ninguém pode viver de vontades impossíveis — principalmente quando a mãe é costureira e o pai não para em casa —, logo entendeu que precisava prestar mais atenção ao que se passava à sua volta. Estudava para vencer, ao mesmo tempo que procurava alguém com quem pudesse compartilhar seus sonhos de aventuras. Quando completou quinze anos, apaixonou-se por um rapaz que conhecera em uma procissão na Semana Santa.

Não repetiu o erro da infância: conversaram, ficaram amigos, passaram a ir ao cinema e às festas juntos. Também notou que, assim como acontecera com o menino, o amor estava mais associado à ausência do que à presença do outro: vivia sentindo falta do rapaz, passava horas imaginando sobre o que iam conversar no próximo encontro e relembrava cada segundo que estiveram juntos, procu-

rando descobrir o que tinha feito de certo ou de errado. Gostava de ver a si mesma como uma moça experiente, que já deixara escapar uma grande paixão, sabia a dor que isso causava — e agora estava decidida a lutar com todas as forças por este homem, pelo casamento, pois este seria o homem para o casamento, os filhos, a casa em frente ao mar. Foi conversar com a mãe, que lhe implorou:

— Ainda é muito cedo, minha filha.

— Mas a senhora casou-se com meu pai quando tinha dezesseis anos.

A mãe não queria explicar que fora por causa de uma gravidez inesperada, de modo que usou o argumento “os tempos são outros”, encerrando o assunto.

No dia seguinte, os dois foram caminhar por um campo nos arredores da cidade. Conversaram um pouco, Maria perguntou se ele não tinha vontade de viajar, mas, em vez de responder, ele a tomou nos braços e lhe deu um beijo.

O primeiro beijo de sua vida! Como sonhara com aquele momento! E a paisagem era especial — as garças voando, o pôr do sol, a região semiárida com sua beleza agreste, o som de uma música ao longe. Maria fingiu reagir contra o avanço, mas logo o abraçou e repetiu aquilo que vira tantas vezes no cinema, nas revistas e na tv: esfregou com alguma violência os seus lábios nos dele, mexendo a cabeça de um lado para outro, em um movimento meio ritmado, meio descontrolado. Sentiu que, de vez em quando, a língua do rapaz tocava os seus dentes, e achou aquilo delicioso.

Mas ele parou de beijá-la de repente.

— Você não quer? — perguntou.

Que devia responder? Que queria? Claro que queria! Mas uma mulher não deve se expor dessa maneira, principalmente para o seu futuro marido, ou ele ficará o resto da vida desconfiado de que ela aceita tudo com muita facilidade. Preferiu não dizer nada.

Ele abraçou-a de novo, repetindo o gesto, desta vez com menos entusiasmo. Tornou a parar, vermelho — e Maria sabia que algo estava muito errado, mas tinha medo de perguntar. Pegou-o pela mão e caminharam até a cidade, conversando sobre outros assuntos, como se nada tivesse acontecido.

Naquela noite, escolhendo algumas palavras difíceis porque achava que um dia tudo o que escrevesse seria lido, e certa de que algo muito grave se passara, anotou no seu diário:

Quando nos encontramos com alguém e nos apaixonamos, temos a impressão de que todo o Universo está de acordo; hoje eu vi isso acontecer no pôr do sol. Entretanto, se algo dá errado, não sobra nada! Nem as garças, nem a música ao longe, nem o sabor dos lábios dele. Como é que pode desaparecer tão rápido a beleza que ali estava fazia poucos minutos?

A vida é muito rápida; faz a gente ir do céu ao inferno em questão de segundos.

No dia seguinte foi conversar com as amigas. Todas viram quando ela saía para passear com seu futuro “namorado” — afinal, não basta ter um grande amor, é preciso também fazer com que todos saibam que você é uma

pessoa muito desejada. Estavam curiosíssimas para saber o que tinha acontecido e Maria, cheia de si, disse que a melhor parte foi a língua que tocava nos seus dentes. Uma das garotas riu.

— Você não abriu a boca?

De repente, tudo ficou claro — a pergunta, a decepção.

— Para quê?

— Para deixar que a língua entrasse.

— E qual é a diferença?

— Não tem explicação. É assim que se beija.

Risinhos escondidos, ares de suposta piedade, vingança comemorada entre as meninas que jamais tiveram um rapaz apaixonado. Maria fingiu que não dava importância, riu também — embora sua alma chorasse. Secretamente blasfemou contra o cinema, que lhe havia ensinado a fechar os olhos, segurar a cabeça do outro com a mão, mover o rosto um pouco para a esquerda, um pouco para a direita, mas que não mostrava o essencial, o mais importante. Elaborou uma explicação perfeita (eu não quis entregar-me logo, porque não estava convencida, mas agora descobri que você é o homem da minha vida) e aguardou a próxima oportunidade.

Mas só viu o rapaz três dias depois, em uma festa no clube da cidade, segurando a mão de uma amiga sua — a mesma que lhe perguntara sobre o beijo. Ela de novo fingiu que não tinha importância, aguentou até o fim da noite conversando com as companheiras sobre artistas famosos e rapazes da cidade, fingindo ignorar al-

guns olhares piedosos que de vez em quando uma delas lhe lançava. Ao chegar em casa, porém, deixou que seu universo desabasse, chorou a noite inteira, sofreu por oito meses seguidos e concluiu que o amor não fora feito para ela, nem ela para o amor. A partir daí, passou a considerar a possibilidade de transformar-se em religiosa, dedicando o resto da vida a um tipo de amor que não fere e não deixa marcas dolorosas no coração — o amor a Jesus. Na escola falavam de missionários que iam para a África, e ela decidiu que ali estava a saída de sua vida sem emoções. Fez planos para entrar no convento, aprendeu primeiros socorros (já que, segundo alguns professores, muita gente morria na África), dedicou-se com mais afinco às aulas de religião e começou a imaginar-se como santa dos tempos modernos, salvando vidas e conhecendo as florestas onde habitavam tigres e leões.

Entretanto, o ano do seu décimo quinto aniversário não lhe reservara apenas a descoberta de que o beijo se dá com a boca aberta, ou de que o amor é sobretudo uma fonte de sofrimento. Descobriu uma terceira coisa: a masturbação. Foi quase por acaso, brincando com seu sexo enquanto esperava a mãe voltar para casa. Costumava fazer isso quando era criança, e gostava muito da sensação agradável — até que um dia seu pai a surpreendeu e lhe deu uma surra, sem explicar o motivo. Jamais esqueceu as pancadas e aprendeu que não devia tocar-se na frente dos outros. Como não podia fazer isso no meio

da rua, e como em sua casa não havia um quarto só para ela, esqueceu-se da sensação agradável.

Até aquela tarde, quase seis meses depois do beijo. A mãe demorou, ela nada tinha que fazer, o pai havia acabado de sair com um amigo e, na falta de um programa interessante na televisão, começou a examinar o próprio corpo — na esperança de encontrar alguns pelos indesejados, que logo seriam arrancados com uma pinça. Para sua surpresa, notou uma protuberância na parte superior da vagina; começou a brincar com ela, e já não conseguia mais parar; era cada vez mais gostoso, mais intenso, e todo o seu corpo — principalmente a parte que ela tocava — ia ficando rígido. Aos poucos começou a entrar em uma espécie de paraíso, a sensação foi-se intensificando, ela notou que já não enxergava ou escutava direito, tudo parecia ter ficado amarelo, até que gemeu de prazer e teve seu primeiro orgasmo.

Orgasmo! Gozo!

Foi como se tivesse subido até o céu e agora descesse de paraquedas, lentamente, para a terra. Seu corpo estava encharcado de suor, mas ela sentia-se completa, realizada, cheia de energia. Então era aquilo o sexo! Que maravilha! Nada de revistas pornográficas, com todo mundo falando de prazer, mas fazendo cara de dor. Nada de precisar de homens, que gostavam do corpo mas desprezavam o coração de uma mulher. Podia fazer tudo sozinha! Repetiu uma segunda vez, agora imaginando que era um ator famoso que a tocava, e de novo foi até o paraíso e desceu de paraquedas, ainda mais cheia de energia. Quando ia começar pela terceira vez, a mãe chegou.

Maria foi conversar com as amigas sobre sua nova descoberta, desta vez evitando dizer que tivera sua primeira experiência poucas horas atrás. Todas — com exceção de duas — sabiam do que se tratava, mas nenhuma delas havia ousado falar sobre o tema. Foi o momento de Maria sentir-se revolucionária, líder do grupo e, inventando um absurdo “jogo de confissões secretas”, pediu a cada uma que contasse a maneira preferida de masturbar-se. Aprendeu várias técnicas diferentes, como ficar debaixo do cobertor em pleno verão (porque, dizia uma delas, o suor ajudava), usar uma pena de ganso para tocar o local (ela não sabia o nome do local), deixar que um rapaz fizesse aquilo (para Maria isso parecia desnecessário), usar o chuveiro do bidê (não possuía um em casa, mas, assim que visitasse uma das amigas ricas, iria experimentar).

De qualquer maneira, ao descobrir a masturbação, e depois de usar algumas das técnicas que tinham sido sugeridas pelas amigas, desistiu para sempre da vida religiosa. Aquilo lhe dava muito prazer — e, pelo que insinuavam na igreja, o sexo era o maior dos pecados. Por meio das mesmas amigas, começou a ouvir lendas a respeito: a masturbação enchia o rosto de espinhas, podia levar à loucura, ou à gravidez. Correndo todos esses riscos, continuou a se dar prazer pelo menos uma vez por semana, geralmente às quartas-feiras, quando seu pai saía para jogar baralho com os amigos.

Ao mesmo tempo, ficava cada vez mais insegura na sua relação com os homens — e com mais vontade de ir embora do lugar onde vivia. Apaixonou-se uma terceira, quarta vez, já sabia beijar, tocava e deixava-se tocar

quando estava sozinha com os namorados — mas sempre acontecia algo de errado, e a relação terminava exatamente no momento em que estava finalmente convencida de que aquela era a pessoa certa para ficar com ela o resto da vida. Depois de muito tempo, acabou concluindo que os homens traziam apenas dor, frustração, sofrimento e a sensação de que os dias se arrastavam. Certa tarde, quando estava no parque olhando uma mãe brincar com seu filho de dois anos, decidiu que podia até pensar em marido, filhos e casa com vista para o mar, mas jamais tornaria a se apaixonar novamente — porque a paixão estragava tudo.